

# Registro de conhecimentos da Comunidade Santa Clara no ciberespaço

Maria Giovanna Guedes Farias  
Isa Maria Freire

## RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre a inclusão do registro de conhecimentos da Comunidade Santa Clara no ciberespaço, uma comunidade popular urbana, localizada nas proximidades da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa. Trata-se de uma intervenção através de pesquisa de campo para registro, organização e divulgação das “fontes de informação” constituídas por pessoas da localidade. Para isso, será produzido um sítio virtual onde será depositado, para acesso livre na Internet, o *tesouro de conhecimentos* das pessoas depositárias da memória social e do saber da Santa Clara. Tais conhecimentos ficarão disponíveis para as próximas gerações, o que pode propiciar o exercício da cidadania e o reconhecimento dos moradores da sua identidade social, de si próprios e de sua realidade. Além disso, pode facilitar a produção de novos conhecimentos por outros atores sociais. Essa proposta de trabalho de pesquisa está em desenvolvimento no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB.

**PALAVRAS-CHAVE:** Registro de conhecimentos. Inclusão. Ciberespaço. Sítio virtual.

## 1 Introdução

A informação tornou-se um instrumento capaz de modificar a consciência do indivíduo, do grupo, em que ele se encontra socialmente incluído e da própria sociedade. Segundo Guerreiro (2006), ao longo da história da humanidade, o conhecimento é o que constituiu o maior capital e favoreceu o acúmulo de riquezas, pois em civilizações mais evoluídas, foi o grande responsável pela auto-suficiência econômica e pela soberania territorial, possibilitando o progresso técnico, a divisão social do trabalho e a globalização do mercado. Esse conhecimento de que fala o autor, significa para nós informação. No entanto, não entraremos nesse momento em um embate conceitual e terminológico, principalmente por concordarmos com o autor quando ele afirma que o conhecimento é híbrido protagonista histórico do desenvolvimento humano, uma vez que motiva o enriquecimento de alguns e o empobrecimento de outros. Dessa forma, para Guerreiro, conhecer implica saber como produzir informação e solucionar problemas de ordem cotidiana na vida em sociedade:

Como a esfera social é, por excelência, o motivo de produção de conhecimento, este, em tese, deveria ser público e disponível para uso coletivo. Porém, como a produção de conhecimento requer altos investimentos financeiros, este se tornou privativo de investidores que usufruem e monopolizam os benefícios gerados. (GUERREIRO, 2006, p.264).

Acordamos que o conhecimento deveria ser público, mas também preservado e registrado. Por isso, objetivamos trabalhar junto aos moradores da Comunidade Santa Clara (CSC)<sup>1</sup>, com o resgate da memória e o encontro com o *tesouro de conhecimentos*, guardado na cabeça de cada morador mais antigo, mais experiente da localidade. Realizaremos esse trabalho durante pesquisa de mestrado, principalmente por acreditarmos na responsabilidade social do pesquisador perante a sociedade, maior financiadora de pesquisas no Brasil, e também por que, conforme Chesneaux (1996, p.36), os lugares na memória desaparecem. Esses lugares são os sinais e marcos inscritos na duração, os ancoradouros históricos fundadores da identidade social coletiva. Nas palavras do autor, “A modernidade faz esquecer o passado.”. Com a utilização da história oral, procuraremos não deixar a modernidade esquecer o passado da CSC, e sim reavê-lo através de narrativas.

Depois de recuperar e registrar o conhecimento local e transformá-lo em informação, nosso propósito é disseminá-lo no ciberespaço, de modo a ficar disponível na memória virtual mundial para todas as pessoas interessadas que tenham acesso à Internet. Pois, como salienta Vieira (2005), a Internet vai além

■  
<sup>1</sup> Uma comunidade popular urbana constituída na cidade de João Pessoa, Paraíba, nas proximidades do *Campus I* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que denominaremos também como CSC.

de mais um espaço onde a informação não tem fronteira. Ela se caracteriza como um ambiente essencialmente sociológico, agregador de ações interativas de pesquisa, educação, cultura e sociedades.

Com o presente trabalho, visamos contribuir para a discussão, no campo da Ciência da Informação, sobre a relevância de se fazer um registro de conhecimentos de comunidades onde o saber popular é o traço mais marcante difundido entre os moradores. Nesse contexto, objetivamos abordar os aspectos relacionados ao modo como se dará o registro de conhecimentos da CSC no ciberespaço, ademais que a informação digitalizada e veiculada através da Internet pode significar um modelo de produção e socialização do conhecimento em comunidades excluídas do acesso às tecnologias digitais.

## 2 Registro de conhecimentos da Comunidade Santa Clara

Nosso propósito de registrar o *tesouro de conhecimentos* da Comunidade Santa Clara no ciberespaço se fundamenta em características da sociedade da informação identificadas, entre outros autores, por Goulart, Perazzo e Lemos (2005), quais sejam, a de valorização do tempo, da organização e da facilidade de acesso à informações e conhecimentos, em função da demanda de novas formas de organização dos materiais e conteúdos digitalizados, sua disponibilização e acesso. Nesse sentido, o valor de uma informação encontra-se também nas possibilidades de acesso e utilização, essencialmente, por considerá-la como elemento fundamental de uma estrutura de linguagem visual, ao viabilizar novas formas de comunicação: “As formas digitais das informações permitem novas leituras, fruto do avanço tecnológico que as manipula, transforma e dissemina.” (GOULART *et al*, 2005, p.162). A inclusão do registro de conhecimentos da CSC se dará por meio da criação de um sítio virtual para armazenar as informações originais, coletadas através de entrevista estruturada, as quais serão editadas a partir de categorias identificadas nos discursos dos entrevistados. Todo o processo de construção do sítio virtual com o *tesouro de conhecimentos* da Comunidade Santa Clara será realizado com a participação dos sujeitos da pesquisa, as pessoas identificadas na comunidade como fontes relevantes de informação. Nesse contexto, como ressalta De Luca (2004, p.19):

[...] do ponto de vista de uma comunidade, a inclusão digital significa ampliar as tecnologias a processos que contribuam para o fortalecimento de suas atividades econômicas, de sua capacidade de organização, do nível educacional e da autoestima de seus integrantes, de sua comunicação com outros grupos, de suas entidades e serviços locais e de sua qualidade de vida.

As palavras do autor exprimem a nossa intenção na Comunidade. Isso porque a inclusão digital ocorrerá, uma vez que, os relatos obtidos dos moradores serão digitalizados, o registro de conhecimentos será uma forma também, como ressalta o autor, de comunicação com outros grupos, comunidades, entidades que desejam conhecer a história da Santa Clara, ou que planejam a implantação de projetos na localidade. Esse registro pretende revelar o verdadeiro tesouro de conhecimentos da CSC através das pessoas depositárias da memória social, do saber e da cultura na Comunidade<sup>2</sup>.

Para Silva (2008), essa memória é uma construção social que desempenha um papel na própria construção do social. Sem memória não há identidade social. Torna-se um erro das sociedades não cultivarem as suas memórias. O Eu é o centro de gravidade da narrativa existencial, contudo só estaria em condições de construir uma narrativa inteligível se enraizado na memória dos e com os outros, pois “A pluralidade de expectativas e de memórias é fruto de uma pluralidade de mundos. Quanto maior a abertura à alteridade, maior a riqueza individual.” (SILVA, 2008, p. 164, grifo nosso). Essa riqueza individual de que trata a autora é fortalecida pela visão de Lévy (2007), que tem o EU, o ser humano, como fonte de conhecimento, independente do status social, ou dos estigmas já recebidos em vários contextos e etapas da vida.

Se os outros são fontes de conhecimento, a recíproca é imediata. Também eu, qualquer que seja minha provisória posição social, qualquer que seja a sentença que a instituição escolar tenha pronunciado a meu respeito, também sou para os outros uma oportunidade de aprendizado. Por meio de minha experiência de vida, de meu percurso profissional, de minhas práticas sociais e culturais, e dado que o saber é co-extensivo à vida, ofereço recursos de conhecimentos a uma comunidade. Mesmo que esteja desempregado, que não tenha dinheiro, não possua diploma, mesmo que more num subúrbio, mesmo que não saiba ler, nem por isso sou “nulo”. Não sou intercambiável. Tenho imagem, posição, dignidade, valor pessoal e positivo no Espaço do saber. Todos os seres humanos têm direito ao reconhecimento de uma identidade de saber. (LÉVY, 2007, p. 28).

Ao identificar as “fontes de informação” da CSC esperamos contribuir para sua visibilidade e uso, sendo um dos frutos, o “estoque de informação estático” e o outro, a organização dessas fontes em um “agregado de informação”. Segundo Barreto (1999), os agregados de informação e conhecimento podem ser pessoas, inscrições de informação (documentos), conjunto de documentos em diferentes formatos, acervos, metodologias, construtos teóricos ou de aplicação prática específica.

As informações dos estoques dinâmicos serão depositadas no sítio virtual, pois, de acordo com González de Gómez (2003, p.32),

[...] uma pessoa ou grupo pode possuir informações que não conseguem ser passadas ou transmitidas, por que não dispõe

<sup>2</sup> O modelo de trabalho já foi experimentado no bairro da Maré, localizado próximo às principais vias expressas da cidade do Rio de Janeiro e registrado em monografia de conclusão de curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Veja em Chalaça, Freire, Miranda, 2006.

de recursos de locução, ou não pode transmitir informações que consegue expressar em forma discursiva por não possuir os meios de inscrição e transmissão.

Esse sítio terá como função primordial disseminar o *tesouro de conhecimentos* da Comunidade podendo colaborar para visibilidade e reconhecimento dessas pessoas/fontes de informação, umas com as outras, em suas próprias comunidades e em espaços diversos. Neste caso, diremos que no novo contexto tecnológico da informação e da comunicação, ocorre uma alteração nas condições de produção social e de comunicação do conhecimento. O que para González de Gómez (2006) resulta em mudanças nas relações entre a informação e o seu usuário, pois um hipertexto, enquanto um arcabouço meta informacional pode possibilitar a concretização da relação informação-conhecimento.

### 3 O Tesouro de conhecimentos

Ao utilizarmos a expressão *tesouro de conhecimentos*, criada pela professora e pesquisadora Isa Maria Freire (UFPB), pensamos em um sentido próprio para nossa pesquisa dentro da CSC, o que buscaremos esclarecer por meio da visão de alguns autores da Ciência da Informação. Para isso, faremos uma revisão do que se pode entender por *conhecimento*, esse *tesouro* que objetivamos descobrir.

De acordo com Barreto (2002), conhecer é um ato de interpretação, uma assimilação da informação pelas estruturas mentais do sujeito que percebe o meio ambiente em que vive. A produção ou geração de conhecimento é uma reconstrução das estruturas mentais do indivíduo por meio da competência cognitiva, uma modificação no estoque mental de saber acumulado. Conhecimento, nas palavras do autor, é um processo, um fluxo de informação que se potencializa. Assim, o fluxo de conhecimento se completa ou se realiza, com a assimilação da informação pelo receptor como um destino final do acontecimento do fenômeno da informação. Destarte, se a informação tem a capacidade de ser olhada, analisada e percebida como a exteriorização do conhecimento, este passa a ser um processo mental e particular concretizado na mente de cada indivíduo de forma singular. “O conhecimento é um registro de memória de um processo cerebral, [ou seja,] algo que está disponível apenas na mente; a produção de consciência na mente ocorre de forma livre e inexplicável” (FARRADANE, 1980 *apud* FREIRE, 2004, p. 46). Para essa questão, Choo (2000) postula, no contexto das organizações, um tipo de conhecimento denominado “tácito” e definido como “o conhecimento pessoal usado por membros [de uma organização] para executar seu trabalho e fazer o sentido de seus mundos”, um conhecimento que pode tornar-se “explíci-

to” (ou, como preferimos, transformado em informação) para ser “transferido e compartilhado” (CHOO, 2000). Ao nosso ver, essa abordagem, apesar de desenvolvida para organizações empresariais, poderia ser aplicada no contexto de comunidades como a Santa Clara, cujos membros também compartilham um “conhecimento tácito” que os auxilia em suas tarefas produtivas e no cotidiano de suas vidas pessoais.

O agente mediador da produção de conhecimento, o conceito de assimilação da informação constitui, conforme Barreto (2002), um processo de interação entre o indivíduo e uma determinada estrutura significativa ou informação<sup>3</sup>, que gera uma modificação no estado cognitivo e produz conhecimento se relacionando corretamente com a informação recebida. Para o autor, trata-se de um estágio qualitativamente superior, simples de acesso e uso da informação. Contudo, ele esclarece que, não pretende, com isso, levantar questões filosóficas sobre a teoria do conhecimento: “aceitamos que conhecimento é uma alteração provocada no estado cognitivo do indivíduo. É organizada em estruturas mentais por meio das quais o sujeito assimila o meio” (BARRETO, 2002, p. 49). Ademais, o conhecimento do mundo social e, mais precisamente, as categorias que o tornam possível são na perspectiva de Bourdieu (1989), o que está, por excelência, em jogo na luta política, luta ao mesmo tempo teórica e prática pelo poder de transformar o mundo social ao conservar ou transformar as categorias de percepção deste mundo.

■  
<sup>3</sup> Fazemos referência à definição de “informação” de Barreto (1994, p. 49.), qual seja, “[...] estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento, nos indivíduos, em seu grupo e na sociedade.”.

#### 4 Ambiente virtual de sociabilidade: o ciberespaço

Há diversas definições para conceituar o ciberespaço e também para entender como o termo surgiu. A explicação mais utilizada é a de que a palavra de origem americana *cyberspace* foi utilizada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. Para Lévy (2007), o ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. “O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva” (LÉVY, 1999, p.29). O autor define o ciberespaço como,

[o] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A

perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século. (LÉVY, 1999, p. 93).

Já na visão de Nunes Filho (2009), inicialmente devemos pensar o ciberespaço como um sistema virtual complexo e ramificado de significações produzidas, armazenadas e disponíveis em forma de textos, imagens estáticas – dinâmicas e som. Segundo o autor, trata-se de um ambiente desterritorializado, que opera com diferentes fluxos de informação dispostos de modo não linear ao formar uma rede digital como conexões sucessivas.

A arquitetura tecnológica do ciberespaço (rede virtual entrelaçada por uma infra-estrutura de multiservidores, cabos ou satélites, bancos de armazenamento e agenciamento de conteúdos) possibilita o diálogo com diferentes mídias e linguagens, formando um amplo tecido fragmentário com partes que se interconectam a partir de escolhas deliberadas pelo usuário e onde a noção de tempo anula a noção de espaço geográfico. Ainda neste contexto, o ciberespaço pode ser dimensionado como metáfora das grandes cidades, com seus fluxos de organizações, redes visíveis e invisíveis, movimentos espontâneos, sinalizações, regras de funcionamento, deslocamentos e leis de convivência coletiva. (NUNES FILHO, 2009, p. 221).

Na perspectiva de Lévy (1999), o ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Para o autor, não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Se o correio (ou a escrita em geral) nos proporcionou uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e a distância, só as particularidades técnicas do ciberespaço permitem aos membros de um grupo humano coordenar, cooperarem, alimentarem e consultarem uma memória comum, quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. Com base nesse escopo conceitual, e de acordo com Nunes Filho (2009), o ciberespaço pode ser caracterizado como um espaço híbrido de informações sígnicas que se enlaçam de forma recorrente e nos remete, infinitamente, a novas informações, dada a sua natureza pluritextual e sonora-visual.

No entanto, para Lévy (1999) é preciso antes de tudo estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço. O autor ainda alerta, que os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais, para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem cooperativa. O exemplo a seguir ilustra o modelo de registro que objetivamos promover da CSC no ciberespaço como a ajuda das TICs, para que os conhecimentos não sejam perdidos. O episódio é citado por Guerreiro (2006).

Em uma cidade no interior do Brasil, uma prefeitura municipal passava por problemas com a distribuição dos alimentos arrecadados em uma campanha de combate à fome. Os alimentos perecíveis estragavam com muita rapidez no armazém, devido à burocracia que devia ser cumprida antes deles chegarem ao seu destino. Os técnicos da prefeitura buscavam resolver o problema, mas todas as tentativas eram frustradas. Ora o calor era muito, ora, era de menos. O empenho pela sensibilização da sociedade funcionou bem, a arrecadação idem, mas o armazenamento e a distribuição tornaram-se um problema logístico para a administração pública local. O armazenamento dos alimentos por um período superior a dois meses era o maior problema da prefeitura, já que os prejuízos aumentavam a cada lote de alimentos estragados que deixava de chegar aos necessitados. Enquanto os especialistas queriam debater a solução técnica viável e menos onerosa, a comunidade organizada pensava em como seria a assistência aos beneficiados durante e após a entrega dos alimentos.

Em um dos encontros entre os dois grupos, a senhora que emprestava a sala de sua casa para a reunião, com escolaridade limitada à alfabetização técnica, e responsável por um trabalho comunitário, dispôs-se a apresentar uma solução prática que havia aprendido com sua mãe em outras situações. Ela pediu que um de seus netos pegasse um recipiente vazio, de plástico, usado pela indústria de laticínio para acondicionar cinco quilos de manteiga, um pedaço de algodão, uma folha de papel laminado metálico, uma caixa de fósforos e uma garrafa com álcool, além de cinco quilos de arroz. A senhora pegou então o vasilhame de plástico, limpou cuidadosamente seu interior e despejou dentro dele o arroz; cortou um pedaço do papel laminado e o abriu sobre o arroz; pegou um pedaço do algodão e embebeu-se no álcool, colocando-o sobre o papel laminado; acendeu um fósforo e ateou fogo no algodão embebido de álcool. Colocou rapidamente a tampa do recipiente já limpa, obstruiu o oxigênio, que, ao ser consumido depois de alguns instantes, vedou hermeticamente a embalagem, para alegria e surpresa de todos os que olhavam. A solução proposta pela senhora mudou a maneira de pensar e de trabalhar dos especialistas. Após a demonstração simples e prática de solução do problema, os alimentos passaram a se conservar em média por quatro meses, o que possibilitou à prefeitura a realização da distribuição em tempo hábil e sem perdas (GUERREIRO, 2006, p.166-168).

A solução apresentada pela senhora valoriza o que denominamos de senso comum, o saber popular, o que hoje pode se perder com a modernidade, com a avançada tecnologia. Entretanto, esse conhecimento popular transmitido de geração em geração, demonstra a cultura do povo, dos moradores e pode ser salvo



pela própria tecnologia denominada de avançada.

Na situação apresentada, o que antes parecia um problema que demandaria recursos tecnológicos de alto custo para o poder público se resolveu com uma solução prática criada pela própria comunidade. A tecnologia é, nesse caso, *simples* em sua concepção, uma vez que não demanda maiores explicações sobre o fato em si. Ao transformar o conhecimento privado em público, passa a constituir um saber social, transmitido de geração para geração. [...] A base de nossos conhecimentos mais elaborados e científicos, na acepção do termo, está na própria natureza humana. O progresso técnico, social, político, educacional, cultural, econômico e todos os demais avanços da história humana decorrem da demanda de interesses e necessidades básicas de melhora da condição de vida biológica e social. [...] Dessa forma, todas as tecnologias têm em comum a penetrabilidade em todos os campos de atuação dos seres humanos. (GUERREIRO, 2006, p. 169).

O computador, entre todas as “novas” tecnologias da Era da Informação, possibilitou o desdobramento de um mundo virtual, simbólico, metafórico e recortado por signos digitais que interferem diretamente no funcionamento da vida das pessoas, da senhora que solucionou o problema de armazenamento de alimentos para sua comunidade e de toda uma geração futura. Essas tecnologias digitais surgiram, de acordo com Lévy (1999), como a infra-estrutura do ciberespaço, espaço de comunicação, sociabilidade, organização e transação, mas também mercado da informação e do conhecimento. É essa sociabilidade abordada por Lévy (1999) que nos interessa, na perspectiva da pesquisa, ela acontecerá no ambiente virtual, onde os indivíduos criam vários círculos de sociabilidades.

Para Vieira (2005), o mesmo que interage no ambiente tecnológico, é o mesmo que fora possui papel definido de pai, mãe, filho, marido, esposa, e, portanto, o cibercidadão: definimos códigos de ética, moral, e níveis de segredo a fim de que possamos conviver, em nível agradável e não só isso, mas também viável. Ainda de acordo com o autor, as sociabilidades se dão em um meio diferente, no entanto, apresentam as mesmas necessidades de comunicação. Não importando o meio utilizado, há a necessidade de comunicar e de ser “visto” pelo outro.

Outra boa discussão da sociabilidade na Internet e de seus recursos, é que as novas tecnologias não vieram substituir o contato físico, presencial, corpo a corpo, mas a possibilidade de outras formas de sociabilidades além das já existentes ampliando essa comunicação e criando outras dimensões. (VIEIRA, 2005, p. 22).

Já na visão de Silva (2008), a Internet é simultaneamente real e virtual (representacional), informação e contexto de interação, espaço (*site*) e tempo, mas que altera as próprias coordenadas espaço-temporais a que estamos habituados, compactando-as, ou seja, o espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construções sociais partilhadas. Esta construção é estruturada pelos laços e valores sociopolíticos, em razão disso, Guerreiro (2006), diz que toda tecnologia é social por excelência. Começa

## 5 Responsabilidade social: o retorno à sociedade

Como forma de fazer retornar à sociedade os investimentos por ela empregados em ciência e pesquisa no País, decidimos desenvolver um trabalho em torno do nosso objeto de estudo orientado pela responsabilidade social dos profissionais da informação na sociedade contemporânea. Nosso olhar reconhece esses profissionais como atuantes na contribuição para ampliar a teia mundial da informação, para diminuir a “info-exclusão” e aumentar as possibilidades de livre acesso aos estoques constituídos por informação pública e difusão das tecnologias digitais (e intelectuais) de informação e comunicação. Para Wersig e Neveling, 1975<sup>4</sup> (*apud* FREIRE, 2001), o campo da Ciência da Informação se define a partir da responsabilidade de facilitar a comunicação de mensagens entre um emissor e um receptor humanos, o que significa dizer que seu objeto de estudo deve pertencer ao universo dos fenômenos da comunicação social, em particular à comunicação de informações com o propósito de promover alterações nas “estruturas de conhecimento” de um receptor de mensagens. O receptor nesse caso é a Comunidade Santa Clara que receberá os benefícios da Ciência da Informação em um trabalho em conjunto com a comunicação da informação.

O papel do profissional da Ciência da Informação, conforme Freire (2001), frente a comunidades que experimentam diversas formas de exclusão, e em destaque, aquelas que as privam de várias modalidades de informação, é disseminá-la, delineando um caminho para a inclusão na Sociedade da Informação. Se, como diz Castells (1999), a sociedade está hoje cada vez mais articulada em rede, a informação tornou-se a própria urdidura do tecido social, político e econômico. Nesse contexto, o profissional da Ciência da Informação tem diante de si uma responsabilidade social, pois a aurora dos novos tempos globalizados criou situações éticas inevitáveis, pois se a informação é relevante para a produção da sociedade contemporânea, também pode vir, também, a tornar-se mais um fator excludente. Nesse contexto, os profissionais da informação têm a real possibilidade de promover ações de informação junto a comunidades, de modo a contribuir para sua inclusão na cibercultura.

Por essa razão, como explica Quéau (2001, p.179), o acesso à informação torna-se um fator-chave na luta contra a pobreza, a ignorância e a exclusão social,

[pois] não se pode deixar apenas nas mãos das forças do mercado o cuidado de regular o acesso aos conteúdos das “autovias da informação”. Pois são esses conteúdos que vão tornar-se o desafio fundamental do desenvolvimento humano nos âmbitos da sociedade da informação. O ciberespaço deve permitir a todos o acesso às informações e aos conhecimentos necessários para a educação e para o desenvolvimento de todos os homens.

<sup>4</sup> WERSIG, G. & NEVELING, U. The phenomena of interest to Information Science. **The information scientist**, v.9, n.4, p.127-140, 1975.

Se as tecnologias digitais de informação e comunicação não representem uma solução mágica para o complexo problema da desigualdade, sem dúvida “constituem [atualmente] uma das condições fundamentais da integração na vida social” (SORJ, 2003, p.15). Nesse sentido, como ressalta Freire (2004), as ações de inclusão mediante acesso a tecnologias digitais devem ser consideradas relevantes no conjunto de políticas públicas de inclusão social, uma vez que a comunicação da informação representa não somente a circulação de mensagens que contêm conhecimento com determinado valor para a produção de bens e serviços, mas, também, a objetivação das idéias de racionalização e eficiência dominantes na sociedade moderna. Trata-se de promover ações para acesso a um *tesouro de conhecimentos*, que sendo produzido em nível privado, pelos indivíduos que constituem a sociedade, deve ser também compartilhado por todos.

## 6 Palavras finais

A informação transmitida pelo *tesouro de conhecimentos* da Santa Clara poderá, também, constituir-se em fonte de produção de bens econômicos, com possibilidades de produzir riquezas para a comunidade, já que na sociedade da informação, a informação e o conhecimento são vistos como fontes de poder, como mercadorias. Com o tesouro de conhecimentos no “ar” (*on-line*) a comunidade poderá conseguir reconhecimento perante a sociedade civil, a exemplo de instituições que desejam investir na CSC com criação de projetos que beneficiem a população. Por isso, acreditamos, como Guerreiro (2006), que a tecnologia resulta da observação sobre as necessidades coletivas, traduzidas pelo conjunto de ferramentas desenvolvidas e inventadas com fins práticos para solucionar um determinado problema de ordem social. A capacidade de uma nova tecnologia mudar a trajetória de desenvolvimento é peculiar à sua condição histórico-social, inserida em um contexto de múltiplas funções na vida da sociedade. Independentemente do segmento social em que está inserida, a tecnologia é capaz de reorientar a civilização para caminhos de maior ou menor complexidade, em dimensões tanto no âmbito local como no global.

No nosso caso, trata-se de intervenção no sentido de dotar uma comunidade do registro dos conhecimentos adquiridos por pessoas relevantes para essa comunidade e armazenado em um sistema informatizado, o qual irá promover a divulgação dos saberes da CSC de forma inovadora, compondo um acervo de memória coletiva mediado por profissional da informação. Uma das formas possíveis de mediação junto a comunidades, tanto para contar suas variadas histórias quanto para revelar seus *tesouros de*

*conhecimentos*, contribuindo para ampliar suas possibilidades de ação no mundo.

## Knowledge register of the Comunidade Santa Clara in the cyberspace

### ABSTRACT

This paper reflects on the inclusion of the record of knowledge of the community of Santa Clara in cyberspace, a popular urban community, located near the Federal University of Paraíba, in João Pessoa. This is an intervention through field research for registration, organization and dissemination of "information sources" consisting in local people. For this a virtual site will be produced where the wealth of knowledge of social memory and knowledge of Santa Clara will be deposited for free access in the Internet. This will be available for future generations, which may facilitate the exercise of citizenship and recognition of the residents from their social identity, from themselves and from their reality, and to facilitate the production of new knowledge by other social actors. This proposed research work is under development at Masters Program Graduate Information Science UFPB

**KEYWORDS:** Knowledge registration. Inclusion. Cyberspace. Website.

## Registro de los conocimientos de la Comunidade Santa Clara en el ciberespacio

### RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre la inclusión del registro de los conocimientos de la Comunidad Santa Clara en el ciberespacio, una comunidad urbana popular, situada cerca de la Universidad Federal de Paraíba, en João Pessoa. Se trata de una investigación de campo para el registro, organización y difusión de las "fuentes de información" en la que participan personas de la localidad. Esto llevará a crear un sitio virtual donde se depositarán, con acceso gratuito a Internet, la riqueza de conocimientos de los depositarios de la memoria social y el conocimiento de Santa Clara, que estará disponible para las generaciones futuras y que pueden facilitar el ejercicio de la ciudadanía y el reconocimiento de los habitantes de su identidad social para sí mismos y su realidad. Así mismo facilitará la búsqueda de nuevos conocimientos en otros factores sociales. Este trabajo de investigación propuesto se está desarrollando en el Masters Programa de Postgrado en Ciencias de la Información UFPB.

**PALABRAS CLAVE:** Registro de los conocimientos. Inclusión. Ciberespacio. Sitio virtual

### Referências

BARRETO, A. de A. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas, **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 28, n. 2, p. 168-173, 1999.

\_\_\_\_\_. Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, M. de A. (Org). **O Campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002. P. 49-59.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v.1).

- CHALAÇA, A.M.; A.M.; FREIRE, I.M.; MIRANDA, M.L.C. de. O Tesouro de conhecimento de um bairro chamado Maré: pessoas como fontes de informação. **Enc. Bibli.** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 24, p. 92-110, 2. sem. 2006.
- CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-mundo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHOO, C. W. Working with knowledge: how Information professionals help organizations manage what they know. **Library Management**, Bradford, v. 21, n. 8, p. 395-403, 2000.
- DE LUCA, C. O que é inclusão digital. In: CRUZ, R. **O que as empresas podem fazer pela inclusão digital**. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.
- FREIRE, G.H. **Comunicação da informação em redes virtuais de aprendizagem**. 2004. (Tese, Doutorado em Ciência da Informação). Rio de Janeiro, Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, 2004.
- FREIRE, I. M. O Desafio da inclusão digital. **Transinformação**, Campinas, v.16, n.2, p.189-194, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A Responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicações. Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2001.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.1, p. 31-43, jan./abr., 2003.
- \_\_\_\_\_. A Informação como instância de integração de conhecimentos, meios e linguagens. Questões epistemológicas, conseqüências políticas. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N; ORRICO, E. G. D. (Orgs.). **Políticas de memórias e informação: reflexos na organização do conhecimento**. Natal: EDUFRN – Editora UFRN, 2006. P. 31-38.
- GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 153-166, jan./jun. 2005.
- GUERREIRO, Prestes Evandro. Aprendizagem espontânea e infoinclusão social. In: \_\_\_\_\_. **Cidade digital: infoinclusão e tecnologia em rede**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006. P. 179-194.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção Trans).
- \_\_\_\_\_. **A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- NUNES FILHO, Pedro. Hipermídia: diversidades sígnicas e reconfigurações no ciberespaço. In: \_\_\_\_\_. (Org). **Mídias digitais & interatividade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. P. 219-232.
- QUÉAU, P. Cibercultura e info-ética. Em MORIN, E. (Org.). **A Religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SILVA, Oliveira Lídia. A Internet – a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Org.) **Janelas do ciberespaço: comunicação e**

cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2008. P. 152-172.

SORJ, B. **Brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIEIRA, Diracy de Araújo. **Sociedades virtuais**: discutindo a sociologia do Ciberespaço. 2005. 129f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

**Maria Giovanna Guedes Farias**

*Jornalista.*

*Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).*

*Email: giovannaguedes@hotmail.com*

**Isa Maria Freire**

*Doutora em Ciência da Informação.*

*Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).*

*E-mail: isa@dci.ccsa.ufpb.br*

Recebido em: 25/05/2010

Aceito em: 04/11/2010